

PALAVRAR E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DRAMÁTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES-ARTISTAS

Melissa dos Santos Lopes¹
André Carrico²

Resumo: O presente texto aborda o papel e a importância do exercício da leitura dramática no processo de formação de professores(as)-artistas. Tendo como ponto de partida a experiência das três primeiras edições da ação de extensão *Palavrar* – Ciclo de Leituras Dramáticas, realizado no Departamento de Artes (UFRN), que atualmente está em sua quarta edição, e que tem envolvido, além da Graduação de Licenciatura em Teatro, alunos e docentes de outros três cursos da mesma Instituição, a saber, Design, Artes Visuais e Música. Os autores apresentam e contextualizam as atividades que têm sido geradas a partir desta ação de extensão e desenvolvem alguns aspectos sobre como tem sido a aproximação e apropriação dos discentes em relação a diferentes autores e textos dramáticos, e ainda como isso pode enriquecer sua formação como futuros docentes.

Palavras-chave: Leitura Dramática; Professor-Artista; Dramaturgia; Formação.

Palavrar and the importance of dramatic reading in the process of drama teachers education

Abstract: This paper concerns the role and the importance of the exercise of dramatic reading in the process of drama teachers education. By the experience of the first three editions of *Palavrar*, university extension program of dramatic readings, held at the Arts Department (UFRN), which is currently in its fourth edition, and which has involved, in addition to the Undergraduate Degree in Theater, students and teachers from three other courses at the same institution, namely Design, Visual Arts and Music. The authors present and contextualize the activities that have been generated from this extension program and develop some aspects about how the students have approached and appropriated themselves in relation to different authors and dramaturgical texts and how it can enlarge their education as future drama teachers.

Keywords: Dramatic Reading; Teacher-Artist; Dramaturgy; Education.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (melslopes@hotmail.com)

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (andrecarrico7@gmail.com)

(...) uma palavra mal colocada entope uma frase e um pensamento (Paulo José apud Moreira, 2010, p.110).

APRESENTAÇÃO

O ciclo de leituras dramáticas *Palavrar* surgiu em 2017 como um projeto de extensão sediado no Departamento de Artes (DEART) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN. Por leitura dramática, entendemos a montagem de um texto teatral sem, necessariamente, uma encenação completa e na qual o texto é lido pelos atuantes, não decorado. O projeto propõe ao público natalense, desde sua primeira edição, o dizer de peças teatrais a partir dos sons, atmosferas, emoções e ideias que emanam de suas palavras. A opção por uma mostra voltada a esse tipo de atividade teatral na cidade de Natal, onde o DEART está sediado tem, primeiramente, o propósito de promover espetáculos a partir da valorização da potencialidade de dramaturgias que, muitas, vezes, estão engavetadas. Além disso, diante da precária situação de produção no atual contexto cultural brasileiro, acompanha a tendência desse tipo de ação cultural de inúmeros grupos e artistas de teatro.³

A primeira iniciativa de extensão, que antecipa o ciclo de leituras dramáticas *Palavrar* e à qual ele sempre esteve ligado, sobretudo nas primeiras edições, é o projeto de extensão *Banco de Textos Teatrais*. Trata-se de um acervo físico de textos de peças de teatro na Biblioteca Setorial do Departamento de Artes. Aberto a toda a comunidade da cidade para consultas de estudo e empréstimos, ele almeja servir de referência e suporte a possíveis montagens teatrais e coreográficas. Até esse momento, permanece apenas como acervo físico, pois, embora o coordenador do projeto, Prof. Dr. André Carrico, tenha pleiteado, nos editais da universidade, torna-lo um banco de textos digital, nunca conseguiu os recursos para a digitalização e hospedagem de seus textos.

O banco conta hoje com mais de 200 textos. O público alvo é composto, principalmente, por discentes e ex-discentes dos cursos do Departamento de Artes, sobretudo os de Licenciatura em Teatro e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, PPGArC; além de todos aqueles cujo interesse de pesquisa se volte para a Literatura Dramática. A ideia do banco é servir de

³ Em entrevista recente ao programa de tv *Persona em Foco*, da TV Cultura, Fernanda Montenegro afirmou que, diante da situação de crise econômica e cultural que o país atravessa, no seu entender, a tendência será o aumento na oferta desse tipo de ação (<https://www.youtube.com/watch?v=t40MtKZpPeo>, acesso em 07/10/20).

referência geradora de reflexão crítica em novas problematizações, exercícios cênicos, processos teatrais-coreográficos, novos eventos dramáticos, espetáculos e performances. Entendemos que quanto mais material os artistas e estudantes de Artes Cênicas tiverem disponíveis para suas criações artísticas, maiores serão seus repertórios e possibilidades de articulações dos códigos cênicos, nas suas experiências de inovação.

Foi a partir desse banco de textos que surgiu a ideia de que as obras ali depositadas passassem a ser lidas. Por este motivo, as peças lidas no *Palavrar* que ainda não integram o *Banco de Textos Teatrais* são depositadas no acervo.

Outra experiência muito inspiradora para a criação do evento foi o resultado da leitura dramática da tragédia *Macbeth*, de Shakespeare, realizada em dezembro de 2016 no Departamento de Artes e dirigida pela professora Laura Maria de Figueiredo. Essa leitura integrou as atividades de outro projeto de extensão, o *Shakespeare 400: teatro, espaço e política*, igualmente coordenado por essa docente. A partir dessa experiência, os docentes Laura Figueiredo, André Carrico e Melissa Lopes perceberam que era possível trabalhar as qualidades didáticas e estéticas de um texto dramático numa ação que envolvesse discentes e docentes juntos em cena. Foi a partir daí que nasceu o *Palavrar*, com coordenação e curadoria do professor Carrico.

ACÇÕES DIDÁTICO PEDAGÓGICAS

O primeiro objetivo do projeto, portanto, era enriquecer os componentes curriculares do curso de Licenciatura em Teatro nos eixos de atuação, encenação, dramaturgia, história do teatro e iluminação, servindo como suporte para experiências transdisciplinares e atividades prático-didáticas de alunas, alunos, professores e professoras. Uma segunda e relevante iniciativa do evento seria estabelecer um diálogo com os grupos de teatro da cidade de Natal. Essa característica foi logo ressaltada pelos grupos nos debates da primeira edição e continuam a ser destacadas pela imprensa e pelos artífices da cena potiguar. Outro objetivo era refletir acerca da produção cênica contemporânea, a partir da relação dramaturgia-encenação, tanto nas experiências de estética de ruptura, quanto nas abordagens de re-significação de processos tradicionais. Destaque-se para esse fim a pertinência das conversas entre plateia e artistas promovidas pelo evento logo em seguida às leituras. Nesses debates, mediados por um professor do DEART, os grupos envolvidos nas leituras discutem com os discentes de Teatro e com o público em geral assuntos relacionados ao universo do/a autor/a

apresentado/a, ao tema do texto lido, à estética e ao processo específico do coletivo, a assuntos referentes à atividade teatral contemporânea, entre outros. Dessa forma, para nossos alunos/as, esse diálogo tem se mostrado como importante ação na promoção de uma reflexão acerca da criação teatral na atualidade.

Sobre o alcance didático-pedagógico do evento, já na sua primeira edição, logo percebemos que no conjunto da contribuição com as disciplinas do curso de Artes Cênicas, sobressaiu-se a articulação com as atividades dos componentes curriculares de iluminação e tecnologias teatrais. Esse dimensionamento só ocorreu graças ao trabalho inestimável da professora de iluminação de nosso departamento, Laura Maria de Figueiredo. Como iluminadora teatral de longa carreira e relevante experiência em significativas produções teatrais brasileiras, ela foi, em 2017, convidada para desenhar a luz de quase todas as leituras daquela edição (incluindo a que ela própria dirigiu, *O trovador encantado*). E, desde aquele momento, Laura trouxe para atuar consigo alunos dos componentes curriculares relacionados ao Laboratório de Estudos Cenográficos e Tecnologias da Cena da UFRN, CENOTEC, do qual é uma das responsáveis.

Naquele ano, nosso Teatro Laboratório ainda contava com dois servidores técnicos que operavam a luz e o som. A partir de 2017, eles já não atuavam no espaço e a professora Laura havia passado a ser não apenas a responsável técnica pelos equipamentos do local, como também a coordenadora do teatro. Isso fez com que, a partir da segunda edição, em 2018, ela ampliasse a participação de discentes no processo criativo das criações de luz, bem como na prática de montagens e operações técnicas. Para além dessas tarefas, ela continuava requisitada pelos grupos e diretores como artista, para desenhar a luz de suas leituras públicas, tendo iluminado todas as participantes daquele ano e três das quatro montagens na edição subsequente. Seu envolvimento com o *Palavrar* incluiu também o engajamento na produção do certame e ela passou a ser coordenadora adjunta do projeto.

Outros três cursos do DEART também integraram as ações didático-pedagógicas transdisciplinares do ciclo: Artes Visuais, Música e Design. O cartaz, o programa e toda a identidade visual do evento são criados pelos alunos da professora Elizabeth Romani, do curso de Design, como avaliação da disciplina de Processos Gráficos II. Em 2018, por exemplo, seus discentes pesquisavam técnicas gráficas antigas e também puderam criar e confeccionar artesanalmente os cartazes de divulgação do evento, resgatando a antiga técnica de impressão do

lambe-lambe. A produção do material gráfico daquela edição foi impressa com tipos fixos nas prensas do Museu da Imprensa Eloy de Souza com o apoio do Departamento de Imprensa do Estado do RN. Essas ações integraram a pesquisa *Memória gráfica do Rio Grande do Norte: acervo e clichês tipográficos do Departamento Estadual de Imprensa*, coordenada pela professora Romani. Alguns discentes do curso de Teatro, que integram a produção do *Palavrar*, puderam inclusive visitar este museu, no Centro de Natal, onde um deles gravou o *teaser* de divulgação daquela edição.

Em relação aos dois alunos de Artes Visuais, em 2018, eles participaram da montagem e operação da vídeo-instalação que compôs a cenografia da leitura de *Quando nós os mortos despertamos*, de Henrik Ibsen. A criação desse trabalho ficou a cargo da professora Regina Johas e dela decorreu posteriormente a instalação *Cascata*, articulada como experiência de sua pesquisa *Imagem e espaço: aproximações e intersecções entre as artes visuais e o cinema experimental*, relacionada ao projeto de ensino interdisciplinar *Imagem & Espaço*, ambos da mesma docente. Da mesma leitura do texto ibseniano participaram três alunos do curso de cordas da Escola de Música da UFRN, orientados e regidos pelo professor e violoncelista Frederico Arantes Nable, com quem ele formou o *Quarteto 16 cordas*.

Desta forma, os componentes curriculares cujos docentes têm utilizado do *Palavrar* como meio para exercícios e avaliações são: Processos Gráficos II (Design), Imagem e Espaço (Artes Visuais), Iluminação, Sonoplastia, Produção Cultural, História do Teatro, Dramaturgia e Apreciação Crítica do Teatro (Licenciatura em Teatro).

A articulação entre alguns componentes curriculares com a mostra de leituras é mais uma das reverberações do projeto. Na disciplina de História do Teatro III, por exemplo, os discentes estudam um período histórico que vai da segunda metade do século XIX até o final do século XX. Nesse contexto, na segunda edição *Palavrar*, os matriculados nessa matéria puderam ler e debater trechos da obra *Quando nós os mortos despertamos*, de Henrik Ibsen, escrita e montada originalmente em 1899. No mesmo período, acompanharam sua leitura dramática, dirigida pelo próprio professor da disciplina, André Carrico, e tendo como uma das atrizes a professora de Práticas Corporais, Melissa Lopes. Na aula seguinte ao evento, a montagem ampliou e enriqueceu o debate em torno da obra ibseniana, de seus pressupostos naturalistas e de suas muitas características simbolistas – já antecipando o próximo conteúdo curricular, o Simbolismo.

Situação semelhante se deu em 2019, quando as alunas e alunos dessa disciplina, a partir da recepção da leitura dramática de *A Gaivota*, de Anton Tchekhov, dirigida por George Holanda e novamente com a professora de Práticas Corporais no elenco, estabeleceram relações entre a montagem, a obra (finalizada em 1896) e as aulas acerca do Naturalismo russo.

Sob a perspectiva do processo de ensino-aprendizagem e enquanto docentes, temos tido cada vez mais dificuldade de trabalhar textos em sala de aula, seja nas disciplinas teóricas como História do Teatro, História do Teatro Brasileiro, Dramaturgia, assim como nos componentes curriculares práticos, Atuação e Encenação. E isso se deve, em grande parte, ao fato de nossos discentes não possuírem o hábito de ler livros, quiçá peças teatrais, em casa. Essa realidade dificulta o processo de ensino aprendizagem, uma vez que, a duração das aulas também não dá conta de suprir essa carência.

PALAVRAR: LUGAR DE POSICIONAMENTO DE QUEM FAZ E DE QUEM ASSISTE

Uma das finalidades do ciclo é levar a *palavra dramática* tanto para o público habituado a ela quanto para quem nunca foi ao teatro. Espera-se, dessa forma, fomentar um público espectador e leitor de Teatro, abrindo espaço para uma ação que reconheça a Universidade como lugar de experiência estética e de discussão de diferentes contextos a partir dos textos dramáticos. Além disso, que o evento estimule o público a emprestar textos do *Banco de Textos Teatrais* ou mesmo edições de peças publicadas disponíveis tanto na Biblioteca Setorial do Departamento de Artes da UFRN quanto em outras bibliotecas e acervos, físicos e digitais.

Em nossa experiência na UFRN, observamos diversas virtudes da leitura pública em âmbito teatral já apontados em livro de Heloíse Baurich Vidor (2016) sobre suas experiências de aproximação entre leitura e teatro. Entre os fatores por ela indicados, destacamos: o fato desse tipo de evento não exigir formação prévia em teatro, convocando, muitas vezes, um público mais heterogêneo; a abertura de um espaço de jogo e aprendizagem para o autor/autora que ouve seu texto lido, para diretores/diretoras, que criam sem a pressão de recorrerem a soluções convencionais e para os atuantes, que se desafiam a atuarem a partir de regras mais estritas.

Manter o 'texto em mãos' abre possibilidades para se ousar, se aventurar, ou ao contrário, apresentar um trabalho altamente

formalizado, já ritualizado. A leitura permite que aquele que lê possa escavar o texto e a atuação. A presença do 'papel em mãos' cria uma amplitude de possibilidades para o leitor e uma distância em relação ao ouvinte (VIDOR, 2016, p. 78)

O *Palavrar* incorpora também uma dimensão didática e tem caráter de formação de público. Por isso, cada leitura dramática é seguida por um debate com a/o diretora/o e os atores e atrizes da montagem, conforme já apontado. Como projeto de extensão, o principal propósito do ciclo de leituras é dialogar com os grupos de teatro profissionais do Rio Grande do Norte. A primeira dessas parcerias, ocorrida na primeira edição do evento, se deu com um dos mais significativos grupos de teatro nordestinos, o Clowns de Shakespeare. Dois diretores e duas atrizes de seu elenco tomaram parte no I *Palavrar*: Titina Medeiros, Fernando Yamamoto, César Ferrario e Múcia Teixeira. Ambos as/os artistas de renome nacional que têm tido grande destaque em novelas, séries, sitcom, curtas, longa-metragens e obras de circulações teatrais nacionais.

Completaram a programação da edição de 2017 as leituras de *A última gravação de Krapp*, de Samuel Beckett, dirigida e atuada por Sávio Araújo e de *O trovador encantando* de Lourdes Ramalho, encenada por Laura Figueiredo, com participação da professora e atriz do Curso de Licenciatura em Teatro, Melissa Lopes. Desde o I *Palavrar*, Melissa é a única docente que participou de todas as edições como atriz, seja ao lado dos discentes e/ou com artistas profissionais.

Na sua segunda edição, o *Palavrar* convidou o grupo Carmin, que realizou a leitura da peça inédita *O Deserto*, de Mateus Cardoso, livremente inspirada no livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago. Outro grupo a participar do evento em 2018 foi a cia Amargem, que desenvolveu a leitura da peça *A árvore dos Mamulengos*, de Vital Santos, dirigida por Luciano Luz. Integrou a programação dessa edição ainda as peças *Conselho de classe*, de Jô Bilac, dirigida por George Holanda e, sob a encenação de André Carrico, *Quando nós os mortos despertamos*, de Henrik Ibsen.

Em 2019, devido ao contexto histórico nacional no qual discursos, manifestações públicas de autoridades e ações jurídico-políticas passaram a questionar os limites da liberdade, o evento pleiteou afirmar a liberdade como contingência indispensável ao exercício da democracia. Desta forma, incorporou a liberdade como unidade temática do projeto e denominou-se *Palavrar a Liberdade*.

Para isso, foram selecionados textos que abordassem a liberdade nos seus diversos sentidos: liberdade de expressão, liberdade de escolha, liberdade política, liberdade artística, liberdade de orientação sexual, etc. Almejou-se assim provocar a reflexão acerca da abrangência e dos limites da liberdade na atual conjuntura brasileira. O grupo convidado daquele ano foi o Grupo Estação. Participaram também dois coletivos internos da UFRN, o Arkhétipos e o LaTEP (Laboratório de Teatro Experimental e de Pesquisa).

O grupo Estação leu o texto inédito *Fabião da Mão de Pau*, de Caio Padilha, dirigido por Manu Azevedo. O LaTEP apresentou *Os órfãos de Jânio*, de Millôr Fernandes, dirigido pelo professor Adriano Moraes e o Grupo Arkhétipos, dirigido pelo professor Robson Haderchpek, *O Auto dos 99%*, de Odulvado Vianna Filho.

Duas outras características do *Palavrar* são: a diversidade de gêneros apresentados e a presença, todos os anos, de um texto baseado em temas e formas da Cultura Popular, como foi o caso de *O trovador encantando*, de Lourdes Ramalho, em 2017; *A árvore dos mamulengos*, de Vital Santos, em 2018 e *Fabião da Mão de Pau*, de Caio Padilha, em 2019.

Os coletivos convidados a participar do *Palavrar* têm uma sólida experiência no ofício teatral (o Clowns de Shakespeare; 27 anos, o Carmin; 13, o Estação; 12). O compartilhamento dessas vivências por meio do diálogo direto com os discentes e a plateia estimula a valorização do processo na prática cênica, como aparece também na reflexão de Vidor:

O debate intelectual vinculado à criação a partir dos pressupostos brechtianos consolidou a ênfase dada ao processo e não só à conformação do espetáculo propriamente dita. O processo passa a ter um caráter reflexivo acentuado, criando a oportunidade de a leitura emergir como prática potente tanto do texto a ser encenado como de outros textos que instiguem a discussão (VIDOR, 2016, p. 53).

Nos debates que prosseguem às leituras, temos registrado o interesse crescente dos e das discentes por duas dimensões do fazer teatral em especial: a da criação e a da produção. Em relação à esfera estética e criativa, além da própria audiência às montagens das leituras, a roda de conversa sempre se inicia por uma breve abordagem das companhias acerca de seus processos, precedendo à abertura para perguntas. Quanto aos aspectos relacionados à produção executiva de suas montagens e suas dificuldades, eles têm sido muito enfatizados pelos

artistas-leitores como contingência inarredável na luta por sobrevivência dos profissionais da cena. Cada grupo tem o seu modo particular de lidar com os entraves e desafios para a manutenção financeira de um coletivo de teatro no Brasil. E essa diversidade de experiências, compartilhadas no momento dos debates, contribui de maneira significativa para a formação das alunas, alunos e espectadores que participam do ciclo de leituras.

AÇÃO DE EXTENSÃO

O I *Palavrar* envolveu vinte e nove participantes, três cursos de graduação, um programa de pós-graduação e cinco professores. Estreamos em 23 de maio de 2017, data de comemoração dos 26 anos do Teatro Laboratório Jesiel Figueiredo do DEART, o que foi lembrado no ato inaugural e conferiu maior caráter de celebração à abertura. Afinal, Jesiel Figueiredo (1938-1994) foi um dos principais artistas de teatro do Rio Grande do Norte. Esteve à frente do Teatro do Operário do Sesi - RN (Serviço Social da Indústria) por mais de três décadas. Seu elenco foi o primeiro a trabalhar com carteira assinada no Rio Grande do Norte. Criou um teatro de repertório voltado apenas para o público infantil e com ele desenvolveu temporadas na cidade de Natal e em todo o estado potiguar apresentando-se em caminhões, ginásios, quadras, praças e etc. Dirigiu o Teatro Municipal Sandoval Wanderley, foi da primeira turma do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde, depois de formado, começou a lecionar. (FERREIRA, 2013) O teatro laboratório estava fechado havia um longo tempo e o ciclo de leituras foi seu ato de reinauguração.

A média de público por sessão, ao longo das três edições, tem sido de 80 pessoas. Entretanto, algumas apresentações extrapolaram esse número, tendo atingido frequentemente a marca de 100 espectadores obrigando a produção a disponibilizar cadeiras extras, algumas de sala-de-aula. Além delas, tivemos algumas pessoas sentadas no chão e em pé. As leituras que tiveram essa capacidade foram as de *Flores arrancadas à névoa*, *O trovador encantado* (2017), *Conselho de Classe* (2018), *A Gaiota* e *Fabião da Mão de Pau* (2019). Por questões de segurança e de respeito à capacidade máxima de lotação da sala, nessas leituras, é frequente espectadores serem obrigados a irem embora devido à lotação.

Ao todo, nas suas três primeiras edições, o *Palavrar* envolveu⁴ quatro grupos de teatro profissionais de Natal (excluindo os grupos internos do DEART); 50 discentes de graduação dos cursos de Licenciatura em Teatro, Licenciatura em Artes Visuais, Design e Música; oito mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, PPGArC; 18 atrizes e atores de grupos profissionais natalenses e de fora da universidade (excluindo a participação atoral de discentes e docentes nas leituras); dois cenotécnicos da UFRN; cinco músicos; nove professores do curso de Licenciatura em Teatro; uma professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais; uma professora do curso de Design; um professor do curso de Música; uma professora do curso de Pedagogia; quatro cenotécnicos, produtores e demais assistentes de grupos de teatro profissionais convidados e três servidores do Departamento de Artes. Ao todo, são exatamente 100 pessoas. Além disso, o projeto estabeleceu desde 2018 uma sólida parceria com o Museu da Imprensa do Governo Estadual do RN, onde seus cartazes e programas são impressos.

A equipe de divulgação, sempre composta por discentes, também foi responsável por criar e alimentar páginas nas redes sociais Facebook e Instagram. E produziu também três teasers que foram divulgados em redes sociais na internet previamente a cada edição. Essas atividades de produção têm servido como experiências práticas que, indiretamente, são atravessadas por alguns conteúdos estudados pelos discentes no componente curricular Produção Cultural, ministrado pela professora Laura Figueiredo.

Do ponto de vista do diálogo entre a universidade pública e a comunidade externa, objetivo geral de qualquer ação de extensão, o *Palavrar* tem se mostrado como profícua oportunidade de encontro e partilha. Em relação ao envolvimento do público, as mensagens registradas nas contas de redes sociais do evento⁵, os debates após cada récita, as conversas na fila de espera do teatro-laboratório, os assuntos que se prolongam após o término do ciclo parecem indicar a eficácia de seu propósito como meio de democratização do acesso à atividade teatral. E, para

⁴ Tanto os participantes que integraram mais de uma edição quanto aqueles que tiveram mais de uma função foram contabilizados uma só vez.

⁵ <https://www.facebook.com/ciclodeleituras> e <https://www.instagram.com/ciclodeleituras/>

além disso, como “espaço para a reflexão, a sensibilização, a troca de pontos de vista, o convívio e a partilha entre a equipe” (VIDOR, 2016, p. 56).

Além disso, a presença de grupos artísticos da cidade de Natal, proporcionou aos discentes e docentes do Curso de Licenciatura em Teatro, um contato maior com as atrizes e atores profissionais locais. É importante destacar que boa parte dos discentes do Curso são de cidades do interior do Rio Grande do Norte, alguns desses, inclusive, chegam a conhecer a capital pela primeira vez quando ingressam na Universidade. Outro fator interessante de ser considerado é que o corpo docente do curso passou por uma renovação a partir do ano de 2015, com a chegada de seis novos docentes que vieram de outras regiões do país. A iniciativa do evento promoveu encontros potentes entre a equipe docente, o corpo discente e a classe artística da cidade.

Essa aproximação entre artistas e comunidade acadêmica deu origem a outro projeto de extensão, que se chama *Memória da Cena Potiguar*, coordenado pela professora Melissa Lopes. O projeto consiste em dar visibilidade ao saber que é próprio da cena artística, aprendizado que se constrói a partir das trajetórias pessoais, dos relatos biográficos, na compreensão de caminhos, escolhas, acertos, equívocos, aprendizados nesse percurso. A principal ação deste projeto de extensão é promover encontros e diálogos abertos à toda a comunidade, com o intuito de valorizar um olhar diferenciado para quem cria o trabalho cênico, desde tentar compreender o que a (o) artista tem a ver com o trabalho que faz e como foi seu trajeto para chegar onde está agora.

Através da realização do projeto de extensão *Memória da Cena*, um dos objetivos é ampliar o número de publicações acerca da produção cultural do RN, por meio da elaboração de biografias, que serão disponibilizadas numa plataforma online para maior alcance nacional. No primeiro ano do projeto (2019) foram convidados os experientes artistas Grimário Farias, ator, diretor e fundador do Grupo Alegria, Alegria e a atriz independente, Múcia Teixeira, que participou da I (2017), III (2019).

Um fato curioso que aconteceu durante o debate desta última leitura foi o comentário de um discente. Em seu relato ele disse ter ficado muito curioso para conhecer o trabalho de Múcia, após ter participado como espectador do evento *Memória da Cena*. Para nós, esse relato demonstra como estes dois projetos estão interligados graças à aproximação deste aluno com a trajetória artística da atriz, seu interesse pelo trabalho na cena foi despertado. Da mesma forma, em outros

relatos percebemos a reação inversa, em que a cena desperta o interesse desse público em saber mais sobre a vida da (do) artista.

Nesse sentido, os eventos *Palavrar* e *Memória da Cena* promovem uma discussão que amplia nosso olhar não apenas para a importância da leitura de textos dramáticos, como também para quem está por trás da leitura. Em seu texto “Onde acaba a teoria?”, o pesquisador espanhol Óscar Córnaço propõe um diálogo entre vida, arte e pensamento.

O ator como instrumento que dá voz àquele que não está em cena, instrumento de representação do ausente, dos deuses, dos reis, do povo sem voz, da própria cena, do ato de atuar; espaço subsidiário de outros espaços. O ator como corpo emprestado aos outros, para que façam algo com ele. Qual é a voz dos atores? O que dizem os atores quando não mais existem autores dramáticos, nem diretores, nem criadores? Os atores são criadores? Quem faz o teatro? (CÓRNAGO, 2010, p. 231)

Estas indagações nos provocam a compreender melhor a dimensão pedagógica do Ciclo de Leituras Dramáticas: quem são os dramaturgos que escrevem as obras, como o fazem e pra quem escrevem? Assim como, de que maneira a/o artista se relaciona com um determinado texto? Essa dramaturgia de alguma forma encontra outras correspondências similares em sua trajetória artística? Ou ainda, qual a implicação da leitura de um texto dramático na responsabilidade ética tanto do docente, quando define uma peça teatral para trabalhar com seus discentes, quanto do artista, no momento da partilha de uma obra artística com o público?

Dentro dessa ideia é interessante observar que a curadoria do evento proposta pelo seu idealizador se dá por meio da escolha dos diretores e diretoras que irão participar de cada uma das edições. Esses, por sua vez, têm tido total autonomia na escolha dos artistas que irão compor o elenco e na escolha do texto propriamente dito. Essa característica tem permitido, por exemplo, que os grupos artísticos profissionais decidam experimentar em suas apresentações textos inéditos, que foram desenvolvidos por um de seus integrantes, como é o caso de *A seda e a larva*, de César Ferrario, *O deserto*, de Mateus Cardoso, *Fabião de Mão de Pau*, de Caio Padilha.

Desse modo, o corpo discente e o público podem não apenas apreciar dramaturgias de autores consagrados (nacionais e internacionais), mas de autores regionais, como foi o caso dos autores Lourdes Ramalho, nascida no Rio Grande

do Norte e radicada na Paraíba, e Vital Santos, pernambucano. E, por fim, autores contemporâneos locais, como mencionamos acima. Além de desfrutar de uma escrita cênica que atravessa diferentes culturas, períodos históricos e contextos político-sociais.

REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES-ARTISTAS

Desde que surgiu o *Palavrar*, essa experiência tem nos mostrado novos caminhos para desenvolver o trabalho de leitura e, principalmente, para preparar e colocar o texto na cena.

(...) escolha dos textos, criação de um lugar aconchegante para a leitura, abertura de espaço para autopercepção nas práticas coletivas, lidando com os aspectos da exposição e da escuta na relação com os outros (VIDOR, 2015, p. 31).

Os encontros das leituras dramáticas têm início três meses antes da realização do evento. Os docentes envolvidos estabelecem um cronograma de ensaios com as/os discentes de graduação e de pós graduação. Num primeiro momento são realizados trabalhos de mesa, nos quais todo o elenco começa a ter contato com a/o dramaturga/dramaturgo, a obra em si e os objetivos dos personagens. Chamamos de trabalho de mesa esse momento em que os artistas, sentados, estudam o texto com todo o cuidado e discutem detalhadamente as características de uma determinada obra, assim como o estilo de escrita de um/uma determinado autor/a.

A partir de um trabalho mais íntimo com o texto, docentes, artistas e discentes estabelecem um espaço de troca a fim de estimular a *misè-en-scène*. O trabalho de mesa que antecede os ensaios prepara as/os envolvidos na compreensão do tempo, lugar, personagens e seus objetivos. A ideia desse estudo mais aprofundado é compreender cada palavra, perceber-se, escutar-se e estabelecer diálogos através do contato com o outro, que são necessários para a elaboração da materialidade do texto.

Tradicionalmente, tem como ênfase a análise coletiva do texto. A leitura deste pressupõe um trabalho imaginário de situações dos enunciadores verbais: circunstâncias, diálogos, ação, personagens, ideia. Lugar de tonalização que esclareça a construção dramática, a apresentação da fábula, a emergência e resolução dos conflitos. A leitura em torno da mesa é feita buscando-se mentalmente a

especialização dos elementos dinâmicos do drama para colocação em relevo do esquema diretor da ação (KOSOVSKI, 2009, p.62).

A abordagem nessa primeira etapa visa interpretar e refletir coletivamente sobre o texto em questão, evidenciar os acontecimentos, experimentar durante o exercício da leitura, diferentes possibilidades de sentido, ritmo, articulação e acentuação das palavras, assim como auxiliar os participantes na construção do imaginário que gira ao redor da obra.

Após esses procedimentos, damos início ao segundo momento, em que acontecem de fato os ensaios da peça. Transportar esse estudo do texto para o corpo e os desenhos de cena é o próximo desafio.

O texto já não parece tão estranho, mas quando a movimentação da cena começa a ser trabalhada, naturalmente detectamos que os estudantes se desligam da qualidade da leitura. É como se, a partir da elaboração das cenas, as imagens presentes no texto desaparecessem e a marcação espacial fosse o elemento mais importante da leitura dramática.

Nydia Lícia (1926-2015), atriz do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), numa entrevista concedida à Revista Olhares (2009), publicação anual da Escola Superior de Artes Célia Helena, onde ela foi professora de Voz e Atuação, partilha um pouco da sua experiência com texto, a partir do trabalho com os diretores Ziembinski e Ruggero Jacobbi. Ambos eram bastante rigorosos com esse tipo de prática e graças a eles, Nydia descreve um pouco a maneira como inseria essa metodologia em suas aulas. Segundo a atriz e professora,

(...) aquilo que eu mais insisto é que eles (os alunos) aprendam a ver. Se você não vê, você não entende. Você tem que ver. Se eu li um livro aos 12 anos, e nunca mais peguei esse livro, aos setenta quando eu o ler de novo me aparecerão todas as imagens que eu vi aos 12. Então, isto é o que eu ensino. Eles têm que ver. Se não vêem, não podem interpretar (LÍCIA, 2009, p.77).

Em nosso caso, entendemos que essa aproximação com o texto dramático necessitava primeiro, despertar o prazer do corpo discente pela leitura, não só pela ação de ler, mas de ouvir. Segundo, compreender cada uma das camadas que envolvem a dramaturgia (autor, características da obra, objetivos dos personagens) e terceiro, dar vida à palavra. Ou seja, para se apropriar do texto, a imagem precisa fazer parte da preparação dos atores e atrizes durante os ensaios, pois elas acessam os artistas não pela via intelectual, mas pela via do sensível.

Deste modo, o trabalho de estudo de mesa e a prática da leitura nos ensaios passam a ser complementares na preparação da leitura dramática, que ainda agrega em alguns casos, exercícios de consciência corporal e interação por meio de jogos teatrais.

Aos poucos, a preocupação com a marcação espacial foi cedendo espaço para a liberdade que um texto nas mãos dá aos artistas envolvidos, pois estes ficam mais seguros após o trabalho de mesa e sem ter a preocupação do texto estar decorado, os mesmos se sentem protegidos pela não exposição de movimentos aleatórios durante a leitura. As/Os artistas podem ficar mais à vontade para experimentar maneiras de como o texto pode ser dito, investigar ações físicas que surgem a partir da repetição da cena que está sendo lida, assim como dar o tempo necessário para que as imagens levantadas ao longo do estudo de mesa possam surgir tanto para quem está em cena, como para quem está assistindo.

O ator e diretor Paulo José quando esteve à frente de dois trabalhos do Grupo Galpão (fundado em 1982, na cidade de Belo Horizonte) destacou a importância da palavra na realização de suas encenações. Para ele,

(...) No diálogo de uma boa peça, como é o caso do nosso Inspetor Geral, não há uma palavra que se diga apenas por dizer (...). Tudo que sobra é significativo e indispensável. E cada enunciado deve ser feito com fé cênica e sentimento de verdade, mesmo que seja uma mentira que deverá ser dita como uma verdadeira mentira (Paulo José apud Moreira, 2010, p.112).

Da mesma forma, além de assistir à leitura dramática realizada por artistas profissionais, que já possuem mais destreza com o texto, as/os docentes envolvidos em cada edição, a seu modo, procuram realizar um trabalho minucioso com as/os discentes a partir da pronúncia das palavras. Essa preocupação vai desde valorizar as pontuações ortográficas, diferenciar as repetições de palavras, dar o tempo das pausas, trabalhar a impostação da voz, a articulação das palavras, o ritmo da fala, a intenção do que está sendo dito e também a que está por trás do texto escrito, os subtextos, os sentimentos, as emoções presentes em cada frase. E, principalmente, acreditar naquilo está sendo dito em cena.

Ressaltamos que essa vivência promovida pela ação de extensão *Palavrar* culmina com um dos principais objetivos do Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN que tem um caráter prático-teórico, no qual o aluno aprende para poder ensinar, o “fazer” e o “ensinar”. Por isso, inclusive, usamos a classificação de

“professor-artista”, pois trata-se de uma formação que transita entre os saberes artísticos e saberes pedagógicos na busca por um possível equilíbrio e articulação entre esses saberes.

Esse futuro “professor-artista” poderá atuar na área do ensino do teatro, tanto no ensino fundamental como em outros espaços de educação formal e não formal.

Na escola, o teatro não tem por objetivo profissionalizar o ator, mas proporcionar ao aluno a vivência dessa linguagem artística, para que ele possa conhecê-la e ter subsídios suficientes para integrá-la a seu universo cultural (Strazzacappa & Vianna, 2001, p.127).

Por meio da experiência do *Palavrar*, vimos que nossos discentes podem redimensionar a ação teatral dentro do âmbito escolar, uma vez que ela lhes oferece uma noção ampla de como organizar uma montagem teatral. Percebemos que, partindo de exercícios de consciência corporal, jogos coletivos e, posteriormente, da escolha consciente de uma dramaturgia, a leitura dramática pode ser uma ferramenta intermediária, pois tem como foco o estudo detalhado do texto e não necessariamente a urgência em decorar esse material. E, por este motivo, pode ser de muito valor na preparação desses alunos e alunas, que muitas vezes estão tendo contato com o teatro pela primeira vez.

O ensino do teatro nas escolas, muitas vezes, é mal interpretado por seus gestores, haja visto que em alguns casos se preze mais a dimensão espetacular e as datas comemorativas. A contrário, ao nosso ver, o que se deve prezar é a importância do processo de aprendizado vivenciado por esses alunos e alunas ao longo de um período de média e longa duração.

Acreditamos que seria proveitoso criar recursos e meios para que o aluno, por meio do teatro, encontrasse um espaço de expressão de si mesmo e de sua cultura. Isso pode ser realizado com base em uma orientação que valorize o trabalho em equipe: todos se colocam uns diante dos outros com a responsabilidade de construir uma história (Strazzacappa & Vianna, 2001, p.127).

Ao longo de suas quatro edições, o *Palavrar* tem oferecido às alunas e alunos do curso uma experiência teatral comprometida e ética, além de promover o encontro com os grupos profissionais da cidade. As atividades de cunho transdisciplinar do projeto entrelaçam suas práticas e conteúdos em diferentes componentes curriculares do curso de Licenciatura em Teatro da UFRN,

oportunizando uma experiência mais orgânica e contextualizada de ensino-aprendizagem. Além disso, como já mencionamos, para a realização do evento, o corpo discente subdivide-se nas funções de atuação e produção: divulgação, iluminação, sonoplastia, contra regragem, organização do espaço, recepção dos artistas e do público. Envolvimento esse que não só proporciona um engajamento de quem participa, na valorização da experiência coletiva, como principalmente a formação de professores-artistas sensíveis, que compreendem o fazer teatral pela dimensão lúdica, pedagógica e poética.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Luana. *Esse teatro é do povo! Uma biografia de Jesiel Figueiredo*. Natal: edição do autor, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia; VIANNA, Tiche. *Teatro na Educação: Reinventando Mundos*. In: FERREIRA, Sueli (Org). **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus Editora, 2001, p.115-138.

KOSOVSKI, Ricardo. **A Mesa para a cena?** In: *Olhares ESCH* no1. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2009, p.62 -65.

LÍCIA, Nydia. **O trabalho de mesa entre as décadas de 1940 e 1960**. In: *Olhares ESCH* no1. São Paulo: Escola Superior de Artes Célia Helena, 2009, p.72-83.

MOREIRA, Eduardo da Luz. **Grupo Galpão: Uma história de encontros**. Belo Horizonte, BH: DUO Editorial, 2010.

CORNAGO, Óscar. **Onde acaba a teoria?** In: NAVAS, Cássia, ISAACSSON, Marta, FERNANDES, Sílvia (Org). **Ensaio em Cena**. Salvador, BA: ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas; Brasília, DF: CNPq, 2010, p.230-233.

VIDOR, Heloise B. **Leitura e teatro: aproximação e apropriação do texto literário**. São Paulo: Hucitec; Florianópolis, SC: Fapesc, 2016.

Recebido em 15 de outubro de 2020.

Aprovado em 08 de março de 2021.